

# APRESENTAÇÃO

## Maurice Blanchot e a literatura em desastre

Em 2020, completam-se quarenta anos desde a publicação do livro *L'Écriture du désastre* [*A escrita do desastre*], do escritor francês Maurice Blanchot. Motivado pelo desejo de aproveitar a ocasião para um retorno à sua relevante palavra, este número 51 da revista *Gragoatá* dedica-se a uma imersão no pensamento filosófico-crítico e nas narrativas ficcionais de Blanchot, partindo da ideia de *desastre*, pensado não (ou não apenas) em seu aspecto negativo, de catástrofe ou ruína, mas, sobretudo, como figura/processo/performance do inacabamento e da impossibilidade que se vislumbram em toda expressão da escrita ficcional ou até mesmo filosófica. É também, aliás, visando tais aspectos que o seu contemporâneo Georges Bataille elabora o paradoxal projeto de um *não-saber*, com o qual se estabelece uma aguda e urgente interlocução entre os dois escritores sobre a necessidade de orientar-se diferentemente no pensamento no século XX, não esgotada pela virada de século.

A importância assumida no contexto dessa discussão pelo *fragmento* vem corroborar a ideia do inacabamento como a própria condição do pensamento em sua expressão mais despojada e mais potente, à margem de visões sistemáticas que constituem o solo filosófico tradicional com o qual importa contrastar-se. Assim, na obra desse autor que conversa infinitamente com escritores emblemáticos da modernidade literária francesa e alemã como Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Hölderlin ou Rilke e que, por outro lado, profundamente cosmopolita, não cessa de meditar a leitura de Kafka e se orienta rumo a um diálogo com pensadores do judaísmo, sobretudo Levinas, segue-se em busca de um *alhures*, um *fora*, uma história e uma ética *outras* cuja definição e exigência se tornaram cada vez mais depuradas. Tal como ocorre em Jacques Derrida que, não por acaso, dedicou dois importantes livros a Blanchot (*Parages*, em 1986 e *Demeure*, em 1998), a visão da ética como o indesejável, impactada pelo pensamento de Levinas, imanta toda leitura posterior de seus escritos.

Em busca de apreender e discutir as complexas relações entre todas essas fontes e a obra de Blanchot, bem como entre esta e as leituras críticas tornadas possíveis por ela, o número traz uma significativa variedade de abordagens, que vão desde a interrogação de conceitos fundamentais para o trabalho desse autor até o estabelecimento de diálogos entre suas propostas e obras literárias as mais variadas, considerando inclusive as suas próprias incursões na escrita ficcional.

Abrindo este número, o artigo de Leslie Hill [O dia mais jovem] aborda, a partir de fragmentos de *L'Écriture du désastre* e de outros escritos de Blanchot, a relação entre a história (ou a outra história), as suas rupturas e o *désastre*. Para elaborar essa relação, Blanchot recorre a autores como Wittgenstein, Hölderlin, Kafka, Melville (principalmente *Bartleby, o Escrivão*) e Levinas; com base neles, e na delicada situação de pensar o messianismo a partir de sua posição de intelectual exterior ao meio judaico, elabora seu pensamento acerca da aporia messiânica, buscando compreender a sua relação com o totalitarismo e estabelecendo uma comparação entre o legado do pensamento judaico e a cultura clássica grega, tradicionalmente exaltada como o berço da civilização.

O artigo seguinte, de Eclair de Almeida Filho e Amanda Mendes Casal [Alegria cética para o desastre], busca aproximar o *désastre* e a exigência fragmentária do ceticismo e seus expedientes: retorno, repetição, *ressassement* – para utilizar a expressão cara a Maurice Blanchot. De modo distinto do trajeto do luto, ou de sua frustração e impossibilidade na melancolia, o ceticismo, ou a alegria sem riso, e outras trapaças do neutro impõem a desconfiança sobre o dito.

O terceiro artigo, de Piero Eyben [Escrever o que precede à ruína – desastre e suicídio em Blanchot], propõe discutir a questão, marginal na obra de Blanchot, do suicídio como elemento constitutivo da escrita e da noção de *désastre*. Uma não-dialética se impõe nesse contexto, uma vez que Blanchot trabalha com a ideia de que a morte e o morrer tornam a literatura possível, não excluindo o suicídio que, como se tenta demonstrar no artigo, trabalha também na heteronomia da passividade. A escrita, portanto, passa a ser compreendida como um pensamento arruinado, uma aproximação não ontológica da responsabilidade, mas assombrada desde sua origem, por sua *hantologie*.

Em seguida, o artigo de Davi Andrade Pimentel [Maurice Blanchot: reflexões (em desastre) sobre *Aminadab*], a partir da análise dessa narrativa de Blanchot, lança algumas reflexões em torno da ideia de *desastre* apresentada pelo próprio escritor em *L'écriture du désastre*. O objetivo desse diálogo é observar como este livro em desastre retoma, reafirma e ressignifica grande parte do pensamento blanchotiano sobre literatura que se pode acompanhar ao longo de sua carreira literária, tanto crítica quanto ficcional.

O quinto artigo, de Marcelo Reis de Mello [Stéphane Mallarmé e Paul Celan: testemunhos do desastre], investiga a produtividade da noção de *desastre* da escrita para a leitura da poesia de Mallarmé e Celan. Para tal, parte-se da diferenciação radical feita por Mallarmé entre um texto que informa sobre os acontecimentos cotidianos em velocidade inapreensível (o jornal) e um texto que resiste a assumir uma forma fechada, propondo-se à cadência do olhar e da leitura, constelando os signos – desastrando-os – e se apresentando ele mesmo como desastre (a poesia), que pode ser pensado, com Shoshana Felman, em sua dimensão testemunhal, indissociável da “quebra de um mundo”.

O sexto artigo, de Cid Ottoni Bylaardt e Márcia de Mesquita Araújo [Blanchot, Heidegger: inspiração para ler um poema de Henriqueta Lisboa], faz uma leitura/escuta do poema “Rosa plena”, de Lisboa, auxiliada pelos pensamentos de Blanchot e de Heidegger, entre outros, tendo como objetivo mostrar que o signo poético é instável, pleno de lacunas e possibilidades, configurando o desastre blanchotiano, que fala pelo esquecimento ou pelo silêncio, e tornando impossível estabelecer-se uma correspondência segura para as imagens poéticas, uma associação transparente entre os símbolos e a carga cultural que os envolve.

O penúltimo artigo, de Arnaldo Rosa Viana Netto [*L'écriture cyborg: un bricolage (im)possible? Le (dés)astre: une genèse pour l'écriture? Un dialogue discursif entre Maurice Blanchot et Réjean Ducharme*], trama um diálogo fecundo entre as propostas de *L'écriture du désastre* e a escrita fragmentária do autor quebequense, partindo da obra *La fille de Christophe Colomb*, o que demonstra a extrema atualidade do livro de Blanchot, assim como sua pertinência para sustentar a leitura de obras paradoxais, onde o desastre parece ser o que põe

um limite à expressão, mas também se descobre como o que permite engendrar inversões hermenêuticas e ir mais além de uma concepção “bavarde” da literatura, reinventando a história (da colonização, da família, da religião) por uma dicção capaz de abarcar experiências desconcertantes como as que se nos deparam na contemporaneidade.

O texto que fecha o volume, de Susana Kampff Lages [O des-astre da tradução: Blanchot relido a partir de Kafka], consiste em experimentar realizar a tradução de excertos selecionados de ensaios sobre o escritor Franz Kafka, escritos ao longo de mais de vinte anos por Blanchot, acompanhada por uma apresentação. Busca-se, com esse expediente, expor a afinidade entre os dois autores, sobretudo no que diz respeito à sua relação com a escrita literária e à importância da morte como elemento de resignificação dos textos.

Convencidos que a obra múltipla de Maurice Blanchot permanece capaz de corresponder a nossas perplexidades, oferecendo a possibilidade de desdobramento das suas questões em novas questões, tal a densidade e a precisão de sua linguagem, convidamos os leitores a compartilharem as reflexões trazidas pelos pesquisadores em resposta à chamada deste número, com o qual prestamos homenagem a *L'Écriture du désastre*, livro infinito, que não cessa de nos interpelar.

Desejamos-lhes uma boa leitura.

*Christophe Bident*  
*Paula Glenadel*  
Organizadores